

## A competitividade do setor externo espanhol: mapa atual e roteiro em 3 D

A pandemia sentiu-se em todos os setores da economia, em particular nos serviços turísticos, um setor fundamental para a economia espanhola. No entanto, o setor externo resistiu significativamente a um choque sem precedentes e, apesar de não contar com esta contribuição tradicional, a balança corrente conseguiu manter um superavit. O ponto de partida para a reconstrução de uma trajetória de crescimento sustentado é melhor do que se poderia esperar.

### Onde está o setor externo espanhol: exportações espanholas no mundo

Centrando-nos na balança de bens de 2020, ano com uma queda histórica de 10,8% do PIB, as exportações de bens não energéticos espanhóis caíram 8,3%, mas conseguiram pelo quarto ano consecutivo, manter-se acima dos 250.000 milhões de euros (em cerca de 22% do PIB)<sup>1</sup>, o que aliado à descida das importações permitiu chegar a um rácio de cobertura de importações de bens de 0,95 e a um défice da balança de bens de 1,2% do PIB, um mínimo histórico.

Para perceber esta dinâmica positiva do setor externo num contexto de grande fragilidade económica, bem como as suas perspetivas a médio prazo, é necessário colocar em perspetiva a evolução das exportações espanholas ao longo da última década. Entre 2000 e 2008, a economia espanhola acumulava um défice médio por balança corrente de 6,2% do PIB, resultado de saldos de bens e de rendimentos historicamente deficitários (com uma média entre 2000 e 2008 de 7,4% e de 2,5% do PIB, respetivamente), apenas parcialmente compensados pela balança de serviços<sup>2</sup>. Já entre 2009 e 2020, a balança corrente registou um superavit médio de 0,5% do PIB, impulsionada por uma grande melhoria do saldo de bens não energéticos, que passou de um défice médio de -4,7% do PIB entre 2000 e 2008 para um superavit de 0,1% desde 2009, com 7 superavits em 12 anos<sup>3</sup>.

Desta forma, o rácio de cobertura de importações de bens não energéticos passou de 0,78 em 2008 para um máximo

1. Em termos históricos, esta descida é comparável com a queda de 14,2% das exportações em 2009, após a crise financeira de 2008, no seio de uma recessão que fez com que o PIB espanhol contraísse 3,8%. No final de 2008, as exportações de bens não energéticos representavam em Espanha 16% do PIB.

2. A balança de serviços registou um superavit de 3,6% do PIB, em média, entre 2000 e 2008, em grande medida graças aos serviços turísticos, com um superavit de 3,5% do PIB durante o mesmo período.

3. Também ajudou a balança de serviços, que passou de um superavit médio de 4,9% entre 2009 e 2020, com os serviços não turísticos em destaque, para um superavit médio de 1,5% do PIB durante o período (muito acima dos 0,1% do período anterior). No mesmo sentido, a balança de rendimentos registou uma melhoria do défice, de -1,6%, em média. Por outro lado, a balança de bens energéticos deteriorou-se ligeiramente, ao piorar o seu défice de 2,7% do PIB entre 2000 e 2008 para 2,9% entre 2009 e 2020.

### Espanha: rácio de cobertura de importações e custos da mão de obra unitários

Rácio de cobertura

Índice de custos da mão de obra unitários (100 = 1999)

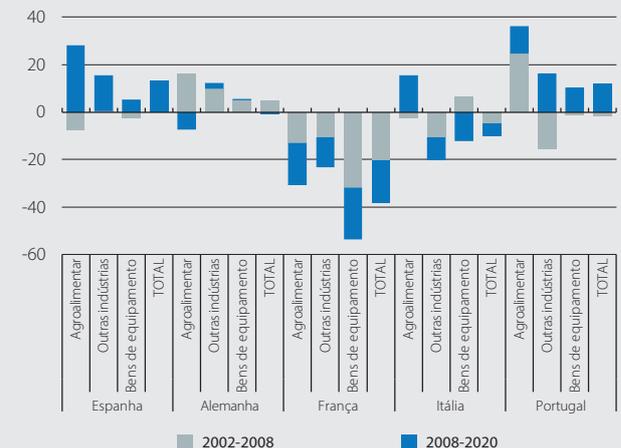


**Notas:** O rácio de cobertura (esc. esq.) mede a percentagem de importações coberta por exportações. Os níveis de cobertura inferior sugerem uma posição comercial mais deficitária. O índice de custos da mão de obra unitários (esc. dir.) é um indicador de competitividade da economia espanhola em comparação com a Zona Euro. Um aumento deste indicador sugere uma deterioração da competitividade-preço dos bens e serviços espanhóis.

**Fonte:** BPI Research, a partir dos dados do Banco de Espanha.

### Quotas de mercado dos países da Zona Euro no mundo

Varição homóloga das quotas de exportação de cada país na totalidade de exportações dos países da Zona Euro para o resto do mundo (%)



**Notas:** Na escala vertical lê-se a variação homóloga das exportações entre 2002, 2008 e 2020. As exportações (em euros) estão agrupadas por categorias SITC. O total de cada país corresponde à quota total de exportações para o resto do mundo, razão pela qual inclui também as categorias SITC existentes que não aparecem destacadas no gráfico.

**Fonte:** BPI Research, a partir dos dados do Eurostat.

de 1,13 em 2013, estabilizando-se desde então em cerca de 1 (ver o primeiro gráfico). A melhoria do saldo comercial é reflexo dos ganhos de competitividade obtidos na última década, tanto em comparação com os países da Zona Euro (como ilustra o índice de custos de mão de obra unitários do primeiro gráfico), o principal mercado de

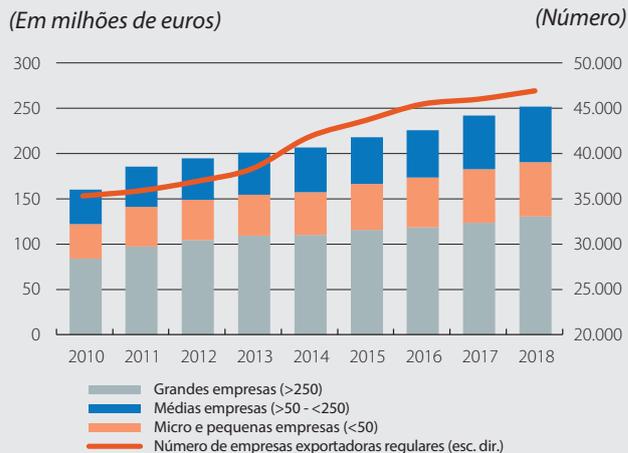
destino das exportações espanholas, como em comparação com os principais concorrentes internacionais em vários setores de atividade. Desde 2008, a quota dos bens espanhóis nas exportações totais da Zona Euro aumentou significativamente de 6% para 6,8% (ver o segundo gráfico). Destaque especial para o bom desempenho do setor agroalimentar. Entre 2008 e 2020, a quota de mercado espanhola em termos de exportações agroalimentares da Zona Euro aumentou mais de 2 p.p., de 9,8% para 12,6% – o que fez que Espanha atingisse a sétima posição a nível mundial<sup>4</sup>. Contudo, o sucesso estende-se também para o setor industrial, quer em termos de bens de equipamento e transporte quer noutras indústrias. Assim, desde 2008, as quotas de mercado dos bens espanhóis nestes setores expandiram-se significativamente, 5,4% e 15%, respetivamente (ambos os setores com quotas de mercado entre 6% e 7%). Além disso, num ambiente de crescente concorrência internacional, estas melhorias substanciais na posição internacional das exportações espanholas são comparadas com uma estabilização da quota de mercado da Alemanha e com as significativas perdas de competitividade do setor industrial em França e em Itália, bem como do setor agroalimentar francês<sup>5</sup>.

**Os 3 Ds da competitividade: diversificar, descarbonizar e digitalizar**

Para além destas tendências setoriais e dos ganhos de competitividade transversais para toda a economia espanhola, destaca-se também a crescente diversificação da base de exportação, refletida pelo aumento sem interrupções do número de empresas exportadoras regulares, de cerca de 35.000 em 2010 para cerca de 47.000 em 2018, e cujo volume de comércio atinge 97% do volume total declarado de exportações (em comparação com 93% em 2010). Entre as empresas exportadoras regulares, destaque para as empresas de dimensão média – definidas como as que possuem um quadro de pessoal entre 50 e 250 funcionários – cujo volume de comércio aumentou 62%, enquanto o número de empresas exportadoras médias aumentou 25% (ver o terceiro gráfico)<sup>6</sup>. Em conjunto, esta evolução reflete uma melhoria tanto da margem extensiva como intensiva, ou seja, uma ampliação da base exportadora e também da dimensão média das empresas exportadoras. Isto também pode ser entendido como um fator de competitividade acrescentado das exportações espanholas, na medida em que as empresas de maior dimensão estão associadas a

4. Para mais informações, ver o artigo «A resiliência das exportações agroalimentares espanholas» na *Informação Setorial* agroalimentar.  
 5. O caso de Portugal é mais parecido ao caso espanhol, com um aumento da quota de mercado dos bens portugueses de 11,9%, de 1,2% para 1,4%, entre 2008 e 2020. No caso português destaque também para os bens agroalimentares e para as indústrias, com lucros superiores a 10%, bem como o setor químico, com um aumento da quota de exportação de 8,1%.  
 6. Por sua vez, o volume do comércio, tanto de grandes como de micro e pequenas empresas exportadoras regulares aumentou cerca de 56%, enquanto o número total destas empresas cresceu cerca de 33%, em ambos os casos.

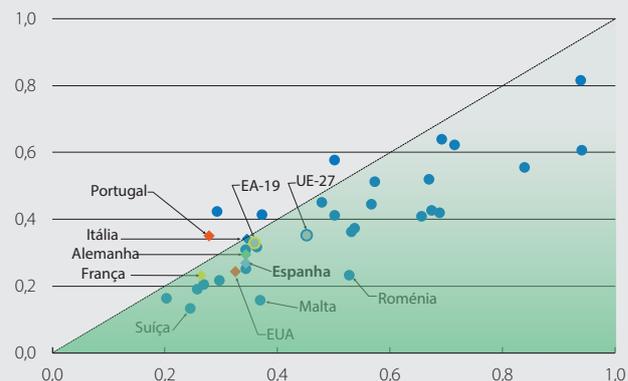
**Espanha: evolução da base exportadora da economia**



**Notas:** Na escala esquerda lê-se o volume de comércio das empresas exportadoras regulares, em mil milhões de euros, e na escala direita lê-se o número total de empresas exportadoras regulares. Definem-se como exportadoras regulares aquelas empresas que exportaram no ano de referência e nos três anos anteriores.  
**Fonte:** BPI Research, a partir dos dados da Agência Tributária espanhola.

**Espanha: evolução da intensidade de CO<sub>2</sub> nas exportações de 2009 a 2019**

(Quantidade de CO<sub>2</sub> por USD exportado, acumulado de 5 anos)



**Nota:** Na escala horizontal lê-se a intensidade de CO<sub>2</sub> nas exportações em 2009 e na escala vertical lê-se o valor em 2019. UE-27 e EA-19 sem a Bélgica, a Eslovénia e a Irlanda.  
**Fonte:** BPI Research, a partir dos dados do FMI.

melhores níveis de eficiência e a um melhor acesso aos mercados financeiros.

Em paralelo, alguns dados sugerem que o setor externo espanhol já começou o processo de descarbonização nos últimos anos. A intensidade de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) nas exportações espanholas desceu 22% entre 2009 e 2019, em comparação com 8,5% no conjunto da Zona Euro (ver o quarto gráfico)<sup>7</sup>. Além de ser um sinal positivo para a descarbonização da economia, este fator poderá indicar uma posição competitiva favorável das empresas espanholas na fase inicial do período vindouro de transição climática e de importantes reformas estruturais. Final-

7. Olhando para a intensidade do CO<sub>2</sub> nas exportações das principais economias da UE no mesmo período, na Alemanha desceu 16%; em França, 11% e na Itália, 1%. Malta e Roménia encontram-se entre as economias que mais reduziram o conteúdo de carbono nas suas exportações, ambas acima de 50%. No sentido contrário, Portugal aumentou 27%.

mente, juntamente com a descarbonização das exportações, nos próximos anos o processo de digitalização será intensificado, com o aparecimento de novas oportunidades relacionadas com o comércio eletrónico, mas também com os desafios em testar a capacidade das empresas para reinventarem os seus processos de produção e de gestão para ganharem competitividade. Estas transformações irão definitivamente colocar em evidência a importância do investimento em infraestruturas e em capital humano, o que é amplamente reconhecido como um dos grandes desafios da economia espanhola<sup>8</sup>.

### **Para onde vai o setor externo espanhol: chegou o momento de dar um passo em frente**

A economia espanhola enfrentará maiores desafios nos próximos anos. A diversificação, a digitalização e a descarbonização poderão revelar-se como as faces mais visíveis do processo de transformação estrutural profunda que irá ocorrer. Neste sentido, já a partir dos próximos meses a economia espanhola contará com o importante impulso que o programa NGEU vai representar. Assim que o roteiro estiver delineado, só falta executar o plano: para chegar ao pódio neste complicado triatlo, é preciso utilizar todas as ferramentas disponíveis para maximizar a velocidade de execução e minimizar os incidentes no decorrer do trajeto. O sucesso contínuo do setor exportador espanhol dependerá de cada D, de detalhe.

8. Ver por exemplo Cuadrado, P., Moral-Benito, E. e Solera, I. (2020). «A sectoral anatomy of the Spanish Productivity Puzzle». Documentos Opcionais n.º 2006, Banco de Espanha. E Banco de Espanha (2019). «Desafios para a Economia Espanhola perante o cenário pós-COVID-2019» no Relatório Anual de 2019. Para uma análise detalhada sobre a evolução do processo de digitalização da economia espanhola ver o Dossier «Digitalização e fundos europeus: um binómio vencedor» publicado na IM03/2021.